

**MÁRIO MENDES CAMPOS** — Nasceu em 28 de junho de 1894 em Tocantins, outrora distrito de Ubá e hoje cidade. Feitos os estudos primários na terra de nascimento, seguiu para Ubá, cursando, no Ginásio São José, humanidades, prosseguindo tais estudos no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo. Indo para Juiz de Fora, obteve o diploma de farmacêutico na Faculdade de Farmácia de "O Granbery", após brilhante curso. Foi o orador da turma. Exerceu por algum tempo a profissão na terra natal.



Mário Mendes Campos.

Vindo para Belo Horizonte, trabalhou na Procuradoria Geral do Estado, ao tempo em que estudava na Faculdade de Medicina. Nessa época, dirigiu a revista "Radium" e colaborava em vários jornais e revistas do País, entre as quais "Sol". Alcançando o diploma de médico, foi para Dom Silvério e aí clinicou dois ou três anos. Retornando a Belo Horizonte, foi ajudante demografista, passando a chefe do Serviço Demográfico. Mediante concurso, conquistou a livre docência na Faculdade de Medicina, tendo sido nomeado professor de higiene da Faculdade de Farmácia da Universidade de Minas Gerais. Conseguiu pouco depois a cátedra de patologia geral da Faculdade de Medicina da mesma Universidade. Foi

retor do Departamento de Saúde Pública, hoje transformado em Secretaria de Estado. É membro do Conselho Regional de Geografia. Cientista, orador, poeta e ensaísta, publicou, na mocidade, dois livros de poesias — "Stalactites" e "Flâmulas". O pri-

meiro foi livro de estréia, com prefácio de Belmiro Braga. Pagan-do inicialmente largo tributo ao parnasianismo, depurou a orientação estética, tornando-se mais intimista, subjetivo. Absorvido inteiramente pela medicina, entregou-se de corpo e alma ao magistério. Observações, estudos especializados, conferências constituíram o grande problema de sua vida, o qual deixou em esquecimento o delicadíssimo poeta de outrora, saudado com entusiasmo pela crítica. Entretanto, o cientista buscava nas folgas o recreio do espírito. De sua pena saíam colaborações aos jornais e revistas, o conto leve, na "Feira Literaria" de São Paulo, o ensaio crítico, arguto, vibrante, como a bela conferência a respeito de "O Ciclo de Helena", de Francisco Campos. Mas o cientista absorve tudo. Uma sua conferência, "O aspecto médico-pedagógico do alcoolismo", é largamente apreciada como forte contribuição à ciência e ao mesmo tempo de educação do povo. Em Mário Mendes Campos há que notar a força da paciência, que não esmorece, nunca, surjam as dificuldades que surgirem. Sempre austero, firmado em princípios imutáveis de rigida moral, policiando com rigor as próprias palavras, para a exposição de seu pensamento, não descansa na luta. Semeador de idéias, em palavra atraente, orador de pulso que é, vibrante, seguro, dotado de ampla erudição, tornou-se credor do apreço e da admiração dos companheiros da Academia e das gerações que educou e vem educando, sem desfalecimento algum. Foi 2º secretário da Academia no biênio 1935-1936. No ato de seu empossamento na cadeira que pertenceu a Francisco Lins, e para a qual foi eleito em 1933, pronunciou brilhante discurso a respeito de seu antecessor.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)

*Diário de Minas, Belo Horizonte, 26-8-956*

## Academia Mineira de Letras

CADEIRA N.º 9:

"JOSAFÁ BELO"

**JOSAFÁ BELO** — Natural de Formiga, faleceu em 22 de dezembro de 1907, dois dias depois de completar 37 anos, pois nasceu em 20 de dezembro de 1870. Fez todos os seus estudos em Ouro Preto, culminando-os com o curso de engenharia na ex-Capital mineira. Pertenceu à comissão encarregada de erigir a nova Capital de Minas, que é Belo Horizonte. Técnico competentíssimo em estradas de ferro, prestou relevantes serviços à Estrada de Ferro Central do Brasil. Era fiscal de estradas do Leste de Minas, quando veio a falecer. Deixou alguns estudos e monografias, referentes à sua especialidade. Desde os tempos acadêmicos, revelou-se escritor brilhante. Escreveu "Salmódias e Corimbos", livro de contos e fantasias. Assinou numerosos trabalhos, que se acham espalhados pelas revistas e jornais da época, sob o pseudônimo "Fidé Yori".



Josafá Belo

Ligou-se a uma terna amizade a Bento Ernesto Junior, quando se achavam em São João Del Rei, amizade que vinha desde de tempos de estudos. Josafá Belo caracterizou-se por uma fina sensibilidade artística, além de notável delicadeza de trato.

**BENTO ERNESTO** — Nasceu Bento Ernesto Júnior em Itapicirica em 25 de agosto de 1866 e faleceu em São João Del Rei no dia 9 de janeiro de 1943. Filho do próprio esforço, estudou as primeiras letras na terra natal, vindo depois para Ouro Preto e daí para São João Del Rei. Começou muito cedo o jornalismo. Foi poeta excelente, prosador elegante. Dedicou-se com fervor aos problemas do ensino, em que se tornou técnico de nomeada. Anualmente, era convocada a sua competência, na condição de fiscal de ensino, e, assim, corria grande parte do Estado nos trabalhos de fiscalização. Homem sisudo, honestíssimo, notabilizou-se em conhecimentos filológicos. Publicou: "Átomos líricos", "Fronde" "Arvore do Bem", "Terra Prometida" (versos), "Vida Aldeã e Contos Cacetes" (prosa). Foi eleito para a Academia em 25 de dezembro de 1909, integrando o quadro acadêmico primitivo, que era de trinta membros. Participou de diversos congressos de ensino e a sua palavra de técnico experimentado era ouvida com respeito. Após muitos anos de eficiência e vigilante labor no magistério, alcançou a aposentadoria, fixando-se definitivamente em São João Del Rei. Casado com Ana Ernesto, não deixou descendência. Foram seus restos mortais trasladados de S. João Del Rei para a terra natal. Bento Ernesto, por sua conduta moral, sempre irreprochável, pela inteligência e, acima de tudo, por sua austeridade, era recebido, não raro, nas casas de ensino, submetidas à sua fiscalização, sob certo pavor, que desaparecia, imediatamente, tal a serenidade com que sabia conduzir-se na espinhosa função. Padrão admirável de mestre antigo, seu nome ficou sendo paradigma de inspetor escolar perfeito, recordado ainda, hoje com admiração.



Bento Ernesto Junior